

SIMBOLOGIA DA ÁRVORE: UMA ANÁLISE DAS IMAGENS MÍTICAS

Eunice Simões Lins Gomes²
Iêda de Oliveira Caminha Silva¹

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar o símbolo da árvore na Torá e, por meio da hermenêutica simbólica, descobrir os diversos sentidos na cultura judaico-cristã. Nosso trabalho fará uma análise de textos referentes à árvore nos primeiros livros do Antigo testamento. O símbolo da árvore traduz, orienta e modula o curso da sociedade e da cultura judaico-cristã, direcionando suas atividades, equilibrando, organizando e reorientando toda a sociedade. Considerando o símbolo um fator de equilíbrio vital, psicossocial e histórico-social, torna-se necessário conhecer os símbolos que equilibram e reequilibram uma cultura, visando a conhecer seus fundamentos antropológicos.

PALAVRAS-CHAVE: símbolos; árvores; cultura.

Symbology regarding the tree: an analysis concerning mythical images

ABSTRACT

This work aims to analyze the symbol of the tree in the torah and, through the symbolic hermeneutics, discover the various senses in jewish-christian culture. Our work will make an analysis of texts relating to the tree in the first books of the old testament. The symbol of the tree translates, guides and modulates the progress of society and of jewish-christian culture, directing its activities, balancing, organizing and reorientation of the entire society. Whereas the symbol a vital balance factor, historical-social and psychosocial becomes necessary to know the symbols that balance and rebalance a culture, to know their anthropological.

KEY WORDS: symbol; trees; culture.

¹ Pesquisadora e estudante do Programa de pós – graduação em Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba. iedaocs@gmail.com

² Professora do departamento de Ciências das Religiões e do programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões PPGCR, na Universidade Federal da Paraíba. E-mail: eunicegomes@gmail.com

Introdução

Com a superação do “cientificismo” na filosofia, após a primeira grande guerra, surgem às múltiplas experiências poéticas, redescobre-se o ocultismo, a literatura negra, o surreal entra em evidência chamando o símbolo e evocando a atenção de todos sobre ele ser um modo autônomo de conhecimento. Assim o símbolo é restabelecido enquanto instrumento de conhecimento na Europa do século XX.

Segundo Girard (1997), o símbolo provém do termo grego símbolo, derivado do verbo *sym-ballein* que, originalmente, significa lançar com, pôr junto com, juntar. Porém, para ele, é importante observar o sentido primeiro do substantivo *symbolon*, que designa um objeto partido em dois pedaços para uma determinada finalidade. Os pedaços eram entregues aos parceiros e tanto estes como seus descendentes poderiam reconhecer o que fora acertado pelos portadores das partes. Nesse acordo, os parceiros não perdem a individualidade, porém os pedaços são feitos para estarem juntos.

Symbolé também é outro substantivo que pode ter o significado de “junção, reunião, contrato” e concretamente significa a articulação do cotovelo ou do joelho, que são ossos que se unem se ajustando um ao outro e um não pode ser considerado sem o outro. *Symbolon*, que significa juntar as metades, é sinal do ajustamento das pessoas, como também a possibilidade de comunicação um com o outro.

Quando se ensina sobre as árvores da Torá, não se está apenas descrevendo passagens bíblicas, mas, sobretudo, está-se ensinando toda uma simbologia, ou seja, o símbolo em torno dos mistérios sagrados de uma prática religiosa construída em torno do significado dos relatos bíblicos sobre as árvores da vida e do conhecimento do bem e do mal. Falar de símbolo requer ter em mente um mundo de possibilidades, pois um símbolo pode ter infinita interpretação como duplicidade de sentido, contradições, insegurança, incertezas, dúvidas; a essência do símbolo é dialética. Nessa luta de contrários vão-se alcançando diversos planos. Um verdadeiro vai e vem de ideias, de pensar, de repensar, de construção e de reconstrução de sentido. “Seria dizer pouco

que vivemos num mundo de símbolos e um mundo de símbolos vive em nós” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002, p.XII).

A árvore, objeto de nosso estudo, especificamente como símbolo na Torá, será analisada em seus diversos sentidos na cultura judaico-cristã. Nas raízes mais arcaicas das tradições religiosas e culturais, podemos buscar a compreensão de que a árvore é agente de comunicação entre os três mundos: subterrâneos, da superfície e dos céus. Pois a árvore mais venerada de todas é a árvore cósmica. Ela possui um antepassado longínquo que se perde nos tempos míticos.

Será destacado o uso de figuras, comparações, alegorias, fábula e parábolas. A bíblia possui também uma simbologia psicológica, como a relação entre vinha-esposa e árvore-homem. Como os poemas de amor do livro do Cântico dos Cânticos descrevendo a sexualidade “jardim fechado” (Ct4, 12). O jardim é símbolo do cosmo ideal, é jardim no começo de tudo e no fim tudo também é jardim de paraíso. No paraíso de Deus. (AP 2,7).

No jardim, no livro do Gênese (Gênese 2.8), está a árvore da vida, que possui um alcance mais antropológico que cósmico; e, ao seu lado, está a árvore do conhecimento e de revelação mítica. “Não nos parece que o seu simbolismo tenha sido sempre compreendido e explicado corretamente, especialmente quando se interpreta em sentido moral, como se faz corretamente, a expressão “ciência do bem e do mal”. (GIRARD, 1997, p.453). Girard chama a árvore do conhecimento da felicidade ou da infelicidade: é a árvore do conhecimento total. Girard também diz que esta árvore simboliza a autoelevação pretensiosa do homem. (GIRARD, 1997, p.457).

Há várias passagens na Bíblia, desde gênese ao apocalipse, que trata do tema da árvore. É usada como metáfora em Mateus 12:33; outras vezes, para revelar eventos proféticos em Daniel 4:3-21, Marcos 13:28-31 e Apocalipse 20:19; outras passagens que tentam explicar questões transcendentais na cultura judaica-cristã como a árvore da vida em Gênese 2:9; a árvore do conhecimento do bem e do mal em Gêne-

se 2:9; a árvore chamada videira verdadeira (representando Cristo e todos os seus seguidores) em João 15: 1-7 e a árvore e seus frutos (representando o homem e o que ele faz da sua existência (Mateus 12,33).

Temos outras, porém destaco as árvores da vida em Gênesis 2.9 e a do conhecimento do bem e do mal em Gênesis 2:9 que, segundo judeus e cristãos, foram criadas por Deus e colocadas no jardim do Éden para que o homem pudesse escolher entre obedecê-lo ou não obedecer-lhe. Mesmo que cada uma tenha sua razão própria de existir, é possível perceber, numa leitura judaico-cristã, o sentido de vida e morte, bem como o segredo para se ter vida com Deus ou vida sem Deus. Para judeus e cristãos, essas árvores representam as tensões entre vida e morte espiritual, que nos acompanha permanentemente. É essa simbologia que será a problemática central de nossa pesquisa.

Na árvore, coexistiam os mundos físicos e metafísicos, o humano e o divino. Até aos dias atuais, a árvore cósmica é vista como um paradigma do crescimento físico e cíclico da natureza como também uma figura antecipada do amadurecimento psicológico do indivíduo. É também símbolo que traduz o desejo da humanidade em realizar-se espiritualmente, sendo, portanto, símbolo de ascensão. Em muitas tradições, neófitos, sacerdotes e candidatos a herói sobem arduamente a uma árvore sagrada de forma ritual para alcançar um patamar desejado por todos do grupo.

O simbolismo universal da árvore cósmica se junta ao da árvore da vida, sendo ambos os arquétipos do universo sustentando-o, pois recebe seu alimento do Transcendente, os seus frutos concedem a imortalidade, reconduzindo ao Éden. Tudo isso ocorre com as tradições que acreditam na existência dessas três regiões cósmicas: ela é vista como um pilar central, eixo onde o universo se organizava em torno dela, a árvore cósmica.

Em toda cidade do oriente, sua localização era o centro do mundo; pois era ali o local onde os deuses desciam. O símbolo situado no

centro do mundo – seja ele montanha, pilar, árvore – é bem difundido. Segundo (ELIADE, 1991, p. 40), “a variante mais propagada do simbolismo do centro é a da árvore cósmica que se encontra no meio do universo e que sustenta como um eixo os três mundos”.

A árvore do mundo tem um papel nos “ritos do centro”. A maioria das árvores sagradas e rituais são réplicas, deste arquétipo a árvore do mundo. Ou seja, todas elas deveriam ser encontradas no centro do mundo, assim como as árvores rituais, ou troncos consagrados têm sua projeção no centro do mundo.

A árvore influencia a imaginação e a criação de metáforas como imagem do homem e de sua experiência e enquanto eixo. É a intuição dos símbolos que faz a ligação da árvore: a madeira ou a uma experiência humana.

Além de o simbolismo da árvore estar ligado ao da árvore cósmica, é também em quase todas as culturas do mundo uma das primeiras imagens correlatas da mulher. Pois a mulher alimenta, sustenta o filho no ventre e dá a vida. Assim, a mulher é vista por algumas culturas como uma deusa. Da árvore sai a seiva, que extrai o alimento da terra e faz ligação com o céu, e assim faz a ligação dos reinos da terra e do céu. À árvore são atribuídas os poderes femininos de ser mãe de, ou seja, da gestação da fecundidade. A árvore cria da vida, alimenta, protege. Tanto a mulher quanto a árvore trazem dentro de si, o fruto que continua a existência.

Tanto a árvore da vida quanto as árvores em geral são símbolos de instinto da maternidade que está na mulher. É simbolismo da eterna juventude, regeneração, sabedoria e imortalidade. A árvore da vida, a de Jerusalém celestial, e a árvore de Buda, em que recebeu a iluminação. Produz frutos milagrosos, o que traduz para muitas tradições religiosas a ideia da existência de uma realidade transcendente e absoluta.

1 A árvore na Torá

Diz a Bíblia no livro de Gênesis 2.9: “E o Senhor Deus fez brotar da terra toda árvore agradável à vista e boa para comida, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal.”

A árvore é símbolo que desvela pensamentos, ações, atitudes individuais e de determinado grupo, em religiões tradicionais ou contemporâneas, é símbolo que fala, ensina, faz seguidores, realiza as vidas, faz a humanidade projetar sonhos e vidas transcendentais.

O símbolo é uma forma de linguagem universal, e é isso o que fascina. Como a música que transpõe barreiras, o símbolo fala todas as línguas, visto que o símbolo ultrapassa o racional. Cassirer, filósofo alemão, mostra a importância do homem como animal simbólico, e que os símbolos são instrumentos de criação e libertação.

A árvore do bem e do mal é protótipo da árvore cósmica. Com a presença dos símbolos, as culturas ficam receptivas para o transcendente, para um mundo trans-histórico. É tanto que as práticas, crenças e esperanças do homem pré-cristão ainda sobrevivem hoje no cristianismo. Os adeptos do cristianismo são feitos pela revalorização e reintegração dos símbolos ainda que com seus novos nomes, pois o simbolismo acrescenta um novo valor a um objeto ou a uma nação.

O pensamento simbólico faz “explodir” a realidade imediata, mas sem diminuí-la ou desvalorizá-la; na sua perspectiva, o universo não é fechado, nenhum objeto é isolado em sua própria existencialidade: tudo permanece junto, através de um sistema preciso de correspondências e assimilações (ELIADE, 2002, p.178).

Assim existem os símbolos que anos, séculos, milênios passam, porém esses não desaparecem, podem até mudar um pouco sua forma, mas a essência é a mesma.

Considerando o termo genérico, e a relação árvore/homem na Bíblia observa-se sentido antropológico como a videira, a figueira, a oliveira

e a plantação que estão representando a nação de Israel, às vezes representam toda a humanidade. Já a vinha ilustra a esposa, os ramos de oliveira ou plantas que crescem aos filhos. O carvalho simboliza a força; a macieira a suavidade; a oliveira, o esplendor ou a vitalidade; a grandeza física ou o social é representada pelo cedro; já o junco mostra a condição humilde, fraca e frágil de alguém ou até mesmo da nação. Aqui fala-se de comparações, mas vale lembrar, que as partes da árvore podem expressar vitalidade ou fraqueza.

A árvore com sua direção rumo ao céu possui também imagem arquetípica de pai, representando o ser não só com a vida terrena, mas em contato com o céu ao mesmo tempo.

Simmons (2010) escreveu sobre a árvore na Torá e diz que essa é comparada a uma pessoa: Deuteronômio 20,19 “uma pessoa é como uma árvore de um campo.” Por que a comparação? A árvore precisa de quatro elementos básicos para sobreviver como o solo, a água, o ar e o fogo. A árvore associada à água fertilizante é símbolo de vida pelas suas transformações sucessivas, pela sua humanização. Já com relação ao fogo, nos climas temperados se ensina que a morte é necessária para que exista renascimento, pois ocorre a morte total e se renasce das cinzas. A árvore precisa ser plantada em terra firme e espaçosa para que suas raízes cresçam e ela receba os nutrientes da terra. Já a água da chuva é absorvida pelas árvores, pelos troncos, raízes, folhas e, sem ela, a árvore morre. Tanto as chuvas quanto a Torá caem dos céus provendo alívio aos sedentos, dando gosto e vitalidade ao espírito humano. A árvore também necessita do oxigênio do ar, pois precisa respirar o dióxido de carbono para que ocorra a fotossíntese. A atmosfera tem que ser propícia para a árvore não morrer. Em Gênesis 2,7 “Deus soprou vida na forma humana.” O olfato é o mais espiritual dos sentidos. A palavra hebraica para sopro “*nesheema*” é a mesma quando se fala de alma “*neshama*”. Em se tratando do fogo, a árvore precisa do calor da luz do sol para sobreviver, pois ativa o processo de fotossíntese. Os seres humanos também precisam do fogo e de calor para sobreviver. Como o calor da amizade, da comunidade. As pessoas absorvem as forças, a energia dos amigos, da família, dos parceiros o que direcionam suas vidas, ações e as identificam. No

Talmude, todos os ensinamentos têm como base a família e a comunidade. O poder da comunidade é ilustrado no Talmude: Um homem idoso estava plantando uma árvore. Um jovem passa e pergunta: o que você está plantando? Uma árvore de alfarroba, responde o velho homem. Ora, seu tolo, disse o jovem. Você não sabe que levam 70 anos para uma árvore de alfarrobas dar frutos? Não há problema, disse o velho homem. Assim como outros plantaram para mim, eu planto para as futuras gerações.

O povo judeu vela não só pela geração atual, mas pelas outras que virão. Eles pensam no ser humano que não deve desaparecer da terra, mas devem continuar aqui. Esse é o mundo que Deus fez para que todos vivam, porém o cuidar da terra é dever das pessoas que devem fazer a sua parte.

Cristo na árvore da cruz (árvore da redenção), tanto da árvore de Buda, como a cruz do calvário são imagens do Centro do Mundo ou eixo do mundo. A árvore nas Histórias das religiões são superiores às árvores cósmicas, da vida, da juventude eterna e a da sabedoria. Para os homens que vivem misticamente a sacralidade das árvores era um modo fiel de encontrar, ou entrar no religioso. Assim, observamos na Epopéia de Gilgamesh, aonde o herói chega ao fim do percurso e lá está um jardim maravilhoso e nas árvores estão penduradas pedras preciosas, símbolos de virtudes adquiridas ao longo do caminho.

Pode-se perceber que o homem, enquanto ser histórico, sempre usou e viveu no mundo ligado ao símbolo. Em toda sua vida e todo seu cotidiano, existem símbolos, ou seja, a humanidade tem necessidade dos símbolos para viver, pois isso dá sentido a sua existência. Assim, não existe ser humano que não faça uso de símbolos.

As árvores fazem parte da existência, seus variados tipos, tamanhos, folhas, frutos... Tendo elas significado de vida, visto que produzem o alimento, necessidade básica dos seres humanos, torna-se indispensável estudar seu sentido simbólico. Nos símbolos, existe ambiguidade na interpretação, pois mostrará uma coisa e esconderá outra, ou seja,

ao interpretar um símbolo, sempre existirá uma explicação tácita, permanecendo sempre um mistério, um enigma.

Girard (1997) aplica a palavra símbolo a quatro ordens de realidades. Os símbolos de quarta classe, usados para expressar símbolos químicos ou matemáticos. Esses são os símbolos utilizados pelas ciências exatas, denominados de sinal. Os símbolos de terceira classe, que são os emblemas convencionais e os sinais distintivos como a bandeira de um país ou de uma região. Os símbolos de segunda classe, identificados como emblemas, porém com um simbolismo mais profundo, divididos em: A) Os de valores morais, como a pomba que simboliza a pureza, o amor. B) Os símbolos de poder como o cetro que demonstram o poder real, e a mitra, que é símbolo do episcopado. C) Os símbolos de um saber como a cruz, símbolo do cristianismo, que possui um simbolismo mais universal, pois dois segmentos de retas habitaram entre nós antes da era cristã. D) Os símbolos que possuem dualidade de tipo concreto-abstrato. Ex: A coragem é apenas um aspecto do leão.

Os símbolos de primeira classe, que são os símbolos oníricos responsáveis pela estruturação dos sonhos e dos símbolos míticos e religiosos. Como exemplo têm as asas que mostram uma ideia de voo, de leveza de libertação da escravidão. Mitos são desenvolvidos com base em pássaros e anjos. O ser humano não consegue exprimir, apenas intuir simbolicamente. Os símbolos oníricos revelam desejos e pulsões reprimidos; guardam experiências boas ou dolorosas.

É nos símbolos de primeira classe que nosso estudo se deterá, os símbolos míticos, que busca realidades divinas, porém complexas para os seres humanos limitados. É a linguagem do símbolo que ajudará a ocidentais e orientais compreenderem melhor esses mistérios guardados na mente da humanidade.

A árvore do mundo tem um papel nos “ritos do centro”. A maioria das árvores sagradas e rituais são réplicas, deste arquétipo a árvore do mundo. Ou seja, todas elas deveriam ser encontradas no centro do

mundo, assim como as árvores rituais, ou troncos consagrados, cuja projeção é o centro do mundo.

A árvore influencia a imaginação e a criação de metáforas como imagem do homem e de sua experiência e enquanto eixo. É a intuição dos símbolos que faz a ligação da árvore à madeira ou a uma experiência humana.

A árvore revela em seu arquétipo um eu em crescimento; voltar à árvore é um aspecto positivo para um renascimento psicológico; porém, em um aspecto negativo, significa transgressão. “Parece que a madeira onírica pode até ligar a experiência contemporânea de uma pessoa às origens mais recuadas da vida humana”. (GIRARD, 2005, p. 438). Aqui convém falar de Jung, que trata de um inconsciente coletivo que é estruturado por arquétipos, expressos em símbolos, que, segundo Durand, são esses símbolos que expressam o imaginário de acordo com a cultura e o momento, assim será percebido o mundo em que vive.

A árvore é também símbolo de imortalidade e rejuvenescimento na história das religiões. Com sua longevidade surpreendente, desafia o tempo repetindo os ritmos sazonais. A oliveira, por exemplo, pode chegar a dois mil e quinhentos anos.

Os símbolos são instrumentos utilizados pelas sociedades de um modo geral para equilibrá-las visto que eles falam, comunicam e transpõem barreiras. De acordo com Durand (2001), existem quatro fatores que equilibram e reequilibram o ser: o vital, que é o viver diário de indivíduo com suas ocupações diárias, suas criações, ao escrever um livro, plantar uma árvore, tudo que ele faz, de um modo geral, ele eterniza-se vencendo a morte. Já para esse ser equilibrar-se psicossocialmente, ele busca integrar o seu eu na sociedade em que vive nas formas dele e dessa sociedade pensar, agir, reagir em fim viverem.

O indivíduo precisa equilibrar seu eu no mundo que vive para não ficar à margem da sociedade. Com o passar dos anos, é a sociedade que se

reequilibra, é o chamado equilíbrio sócio-histórico acontecendo de uma geração a outra; equilibrando também e reequilibrando a humanidade, o mundo. Apesar de cada cultura possuir sua identidade própria, com sua diversidade que é bem comum aos seres, o repasse desse conhecimento é transmitido pelos canais das ciências, descobertas, artes, ou até atos de uma única pessoa que percorre o mundo via internet. Assim, o mundo vai-se reorganizando. E é com os símbolos e a recuperação da sensibilidade simbólica que a postura muda de um indivíduo ou até de um grupo. “Resistir aos símbolos é como amputar uma parte de si mesmo, empobrecer a natureza inteira e fugir, sob pretexto de realismo, do mais autêntico dos convites para uma vida integral” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002, p.xxviii).

A árvore é figura simbólica que norteia toda existência do mundo judaico-cristão: suas atividades, seu cotidiano; equilibrando, organizando e orientando toda sociedade em épocas históricas distintas. Esse símbolo tem relação entre os entes da terra e entre estes entes com o céu; com o divino. Para o judeu, a árvore fala de vida aqui e além, vida terrena e imortalidade.

Com a imaginação o ser humano cria sentido no seu mundo, atribuindo significados. Já o raciocínio, ou seja, com a razão, ele analisa os fatos, procurando compreender a relação existencial entre eles. Assim, para um conhecimento mais aprofundado do ser humano, Durand propõe a observação sensível dos fatos. Assim, ele propõe um método de convergência, que é a sua proposta de como se organizam os símbolos em uma cultura.

Na verdade, mesmo esse método sendo visto de forma linear, não existe nele sequência de ordem de uma para outra parte. O fato é que uma cultura valoriza alguns *schémes* mais que outros e tudo dependem da sensibilidade da cultura em interação com o meio e as circunstâncias.

Schéme é a tendência geral dos gestos levando em conta as emoções e as afeições, fazendo as junções entre os gestos inconscientes e as

representações. Ex: a verticalidade da postura humana corresponde aos *schémes* da subida e o da divisão. Já o gesto de engolir, corresponde ao *schémes* da descida. E o aconchego na intimidade corresponde ao primeiro alimento, a amamentação.

Arquétipos é a representação dos *schémes*. Corresponde à imagem primeira de caráter coletivo e inato, é estado preliminar onde ocorrem as ideias. É o ponto de junção entre a imagem e os processos racionais.

Símbolos são visíveis nos rituais, nos mitos, nas artes, na literatura. É uma representação que revela, porém sempre deixando algo em segredo. Traduz um arquétipo dentro de um contexto.

Mito são relatos apresentados sob forma de história, contém *schémes*, arquétipos e símbolos. O método de convergência é, para Durand, a maneira de como se organizam os símbolos; e o processo em que se formam as imagens é o mesmo para um indivíduo ou uma cultura.

Conclusão

Através do conhecimento da organização simbólica, ou seja, por traz do símbolo da árvore tão usado na Torá, pretendo descobrir seus diversos sentidos e relação com a cultura judaico cristã, bem como aprofundaremos nosso conhecimento dessa cultura.

“O símbolo, exprime o mundo percebido e vivido tal como o sujeito experimenta, não em função de razão crítica e no nível da consciência, mas em função de todo seu psiquismo, afetivo e representativo, principalmente no nível do inconsciente”. (CHEVALIER E, P.XXVII).

Fato é que o símbolo comunica, desperta e faz pensar. “A árvore da ciência do bem e do mal” Essa é a tradução literal do texto de Gênesis 2.9. A árvore da vida é encontrada em várias civilizações, porém essa segunda árvore é exclusivamente da tradição bíblica.

Nas grandes literaturas religiosas e no esoterismo é observado o aspecto antropológico do homem que é frequentemente descrito como uma árvore. Temos a postura vertical, a respiração, a seiva (homólogo do sangue) e todo o conjunto dos processos vitais.

A árvore é um símbolo de linguagem universal, ele quebra as barreiras da incompreensão de um indivíduo ou de uma cultura, pois o homem é simbólico em todo viver, criando e recriando sentidos. Os símbolos podem passar anos, décadas, séculos ou milênios e estarão lá; impregnados de cultura, para conhecê-las, corramos atrás do seu sentido, pois o símbolo é um código que revela e desvela uma cultura e a árvore na cultura judaico-cristã traduz a existência dela.

Referências

BIBLIA SAGRADA. Contendo o Velho Testamento e o Novo Testamento. Edição revista e corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo: Edição de 1995.

CHEVALIER, Jean; GUEERBRANTE, Allain. **Dicionário dos símbolos:** mitos, sonhos costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 17. ed. São Paulo: José Olympio, 2002.

DURAND, Gilbert **A imaginação simbólica.** São Paulo. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

DURAND, Gilbert **O Imaginário: Ensaio acerca das ciências e da Filosofia da imagem.** Gilbert Durand: tradução Renée Eve Levié. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004

ELIADE, Mircea, **Imagens e símbolos:** ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso Mircea Eliade; prefácio Georges Dumézil. Tradução Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins fontes, 1991.

GIRARD, Marc **Os símbolos na Bíblia:** ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal/ Marc Girard. Tradução Benône Lemos. São Paulo: Paulus, 1997.

PITTA, Daniele **Iniciação a Teoria Geral do Imaginário**¹

PONTES, Maria do Rosário. A árvore um arquétipo da verticalidade. **Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literatura**. Porto, XV, p.197-219.

SIMMONS, Rabbi Shraga. **O homem é uma árvore**. Disponível em: <[http://www.aish.com/tubshvat/tubshvatdefaut/man is _a—_tree.asp](http://www.aish.com/tubshvat/tubshvatdefaut/man%20is%20a%20tree.asp)>. Acesso em 25 de julho de 2010.